

Carta a um psicanalista de crianças

Juliana Abulé<sup>1</sup>

Atrevo-me a escrever-lhe uma carta. Pretendo com isso, falar daquilo que mais gosto de fazer, ouvir as crianças em suas brincadeiras recitadas a várias vozes. Falarei também de poesia e psicopatologia como encontros possíveis.

Uma tarde, chegou um paciente em meu consultório (G. 9 anos). Ele se sentou e disse: Hoje vou recitar uma poesia, queres ouvir? Esbocei um sorriso e respondi que sim, que desejava ouvi-lo através da poesia. E assim, G deu início a sua fala:

É de Vinicius de Moraes...

**Sempre que o sol pinta de anil todo o céu  
O girassol fica um gentil carrossel  
Roda, roda, roda carrossel  
Roda, roda, roda Rodador  
Vai rodando, dando mel. Vai rodando, dando flor.  
Roda, roda, roda Carrossel  
Gira, gira, gira Girassol  
Redondinho como o céu, marelinho como o sol.<sup>2</sup>**

Antes mesmo que eu pudesse pensar os desencadeamentos interpretativos do relato feito pelo paciente, atentei-me a beleza da poesia.

A ‘dica’ de G, faz um convite para me aventurar pelos caminhos literários para entender como a poesia pode servir à clínica, com seus materiais simbólicos e principalmente com a sua beleza.

Rubem Alves um escritor de quem gosto muito, compara a poesia ao sonho: “Penso que existe um tecido onírico, um tecido de sonho que a poesia guarda.<sup>3</sup> [...] No entanto, diferente dos sonhos, à poesia, não cabe interpretação: Trabalha-se a poesia gerando poesia e não tentando decifrá-la”, refere o autor. Em uma entrevista compartilha uma vinheta clínica, do seu tempo de psicanalista. Conta a seguinte história:

---

<sup>1</sup> Aluna do Contemporâneo, Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. E-mail: juabule@hotmail.com

<sup>2</sup> <Disponível em: <http://letras.mus.br/vinicius-de-moraes/87235/>>

<sup>3</sup> <Disponível em: <http://tinyurl.com/974gj77>>

A paciente chega em seu consultório e diz:

“Acho que estou ficando louca”. Eu fiquei em silêncio aguardando que ela me revelasse os sinais da sua loucura. “Um dos meus prazeres é cozinhar. Vou para a cozinha, corto as cebolas, os tomates, os pimentões – é uma alegria!

Entretanto, faz uns dias, eu fui para a cozinha para fazer aquilo que já fizera centenas de vezes: cortar cebolas. Ato banal sem surpresas. Mas, cortada a cebola, eu olhei para ela e tive um susto. Percebi que nunca havia visto uma cebola. Aqueles anéis perfeitamente ajustados, a luz se refletindo neles: tive a impressão de estar vendo a rosácea de um vitral de catedral gótica. De repente, a cebola, de objeto a ser comido, se transformou em obra de arte para ser vista! E o pior é que o mesmo aconteceu quando cortei os tomates, os pimentões... Agora, tudo o que vejo me causa espanto.”

Ela se calou, esperando o meu diagnóstico. Eu me levantei, fui à estante de livros e de lá retirei as *Odes Elementales*, de Pablo Neruda. Procurei a *Ode à Cebola* e lhe disse: “Essa perturbação ocular que a acometeu é comum entre os poetas. Veja o que Neruda disse de uma cebola igual àquela que lhe causou assombro: ‘Rosa de água com escamas de cristal’. Não, você não está louca. Você ganhou olhos de poeta.”<sup>4</sup>

A psicanálise nos ensina um modelo de pensar a subjetividade e sem dúvida, os psicanalistas se mostram grandes aprendizes. A vivência de vir a ser um psicanalista se assenta naquilo que Freud chamou Tripé: um sólido conhecimento teórico, análise pessoal e supervisão dos casos clínicos.

Seguem assíduos nessa caminhada. Estudam acerca das diretrizes do desenvolvimento humano, suas variações de normalidade para o aparecimento de uma patologia e seus processos intra-inter e trans-psíquicos. Contudo, as teorias psicanalíticas abarcam todo um universo de conhecimento e são mantidas numa autossuficiência e em berço esplêndido.

A partir de todo o arcabouço teórico disponível, parece que acabamos por privilegiar olhares patologizantes e nostálgicos do ser humano que refletem num rigor da técnica ao invés de sua plasticidade.

Hornstein em um congresso referiu que os psicanalistas tem se ocupado de discussões ‘prisão’ ao invés de discussões ‘passaporte’. Não dialogam com outras ciências e pouco as considera. Acredito que faz-se necessário repensar a concepção que temos de

---

<sup>4</sup> <Disponível em: <http://www.rubemalves.com.br/aartever.htm>>

## Ressonâncias

criança. Se assim nos permitimos, estaremos inclinados a ouvir as possibilidades de expressão simbólica de uma criança em suas diversas linguagens. Poderemos ver rosa de água com escamas de cristal e os girassóis.

Graças à teoria da complexidade de Edgar Morin, as coisas vão tomando um outro lugar, na teoria e na clínica. Uma espiral auto-organizadora substitui a linearidade causa-efeito pela recursividade, ampliando as possibilidades.

Concordo contigo quando diz que um diagnóstico tem muito da intersubjetividade do par terapeuta-paciente, e acrescento, precisamos do rigor conceitual, mas, sobretudo, de uma entrega à experiência e de uma capacidade de escuta genuína.

Ser psicoterapeuta de crianças requer uma disponibilidade afetiva, cujo modo de ser ou estar com o outro limita, possibilita e reconhece este em sua alteridade. Com isso, não excluo o rigor conceitual e nem o tripé psicanalítico, pelo contrário, os considero como essenciais, mas sem que isso venha engessar nossa técnica, ou melhor, nossa vivência e encontro com o outro.

Assim, acredito que nosso trabalho consiste em percorrer as narrativas das crianças, nas tramas das brincadeiras recitadas a várias vozes, seus feitos, azares e venturas, desvendando os seus mistérios em caminhos absolutamente infinitos de descoberta e compreensão, numa forma única, singular e jamais ouvida anteriormente.

A capacidade de descobrir e de reinventar o mundo utilizando símbolos – possibilita às crianças e aos terapeutas um novo e infinito horizonte de experiência. Sem fim de possibilidades e suportes técnicos.

Diante disso, deixo algumas inquietações, as quais não pretendo cessar.

Quais são os limites do trabalho analítico? Em quais teorias estamos alicerçados na construção de um diagnóstico?

## Ressonâncias

É possível falar de poesia, clínica e psicopatologia? Essa pergunta eu mesma tentarei responder: Sim é possível se a poesia estiver fazendo o que ela se propõe, a renovação do olhar...

E no ensejo do Girassol, trazido por G. finalizo com o poema de Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa): O meu olhar é nítido como um girassol...

O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo.<sup>5</sup>

Os seminários de psicopatologia tem possibilitado esse encontro com a poesia, instiga a ampliação do olhar, da escuta e de formas diversificadas de trabalho.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://pensador.uol.com.br/o\\_meu\\_olhar\\_e\\_nitido\\_como\\_um\\_girassol/](http://pensador.uol.com.br/o_meu_olhar_e_nitido_como_um_girassol/)>